

GRAÇA CAPINHA

**A produção poética na semiperiferia:
a condição da bruma**

**Nº 6 / Distribuição restrita
Novembro 1988**

Oficina do CES
Centro de Estudos Sociais
Coimbra

OFICINA DO CES

Publicação seriada do

Centro de Estudos Sociais

Praça de D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:

Apartado 3087, 3000 Coimbra

GraçaCapinha*

**A PRODUÇÃO POÉTICA NA SEMIPERIFERIA:
A CONDIÇÃO DA BRUMA**

"(...)

oh lendas de baleias e veleiros e terras novas
oh parentes hoje sem identidade
spikando entre arrotos de vera ou ficta abundância
seus novos mares ilusórios!

eu vos lamento e rio e em português me choro
mais uma vez negando a condição da bruma

(...)"

José Martins Garcia, "In Loco" (1)

Não posso deixar de dar início a esta minha reflexão sobre um dos aspectos da produção poética da sociedade portuguesa sem me debruçar, sendo pouco original, sobre aquela característica que, ao que parece, desde há séculos, nos vem marcando, isto é, a bruma.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Centro de Estudos Sociais

Não vou falar do imaginário português, daquela bruma donde o esplendor do Império perdido ainda há-de voltar, trazido por um qualquer Sebastião. Não vou falar, tão pouco, da bruma que é Portugal, país esquecido e escondido pelo tempo, no imaginário do mundo. Vou falar, isso sim, da paradoxal condição da bruma que é a língua portuguesa, presença da nossa ausência, bruma que nos afirma diferença e obstáculo à hegemónica "limpeza" que os novos veleiros (bem mais poderosos que as caravelas!) das agoras centrais (2) civilizações parecem querer impor.

Será essa a condição paradoxal do poeta, sobretudo daquele poeta que, tal como José Martins Garcia, se vê confrontado com a situação extrema, pelos vistos apanágio da nossa história, de ser português em terra alheia. Antes, na segurança do nosso poder, da nossa centralidade, a língua foi um mecanismo forte que nos impôs. Tão forte, que é hoje o vestígio mais flagrante da nossa presença na história do mundo. Agora, na insegurança da nossa semiperiferia, ela é o mecanismo forte que resiste, que mantém a nossa cultura quando levada para "terras novas" pelos nossos emigrantes. Antes, tal como agora - e apesar do diferente equilíbrio dos poderes - a língua foi espaço de encontro de diferentes culturas. E desse processo dialéctico, ela resultou, e resulta, enriquecida.

É sobre uma situação actual, que considero extrema, em que esse processo dialéctico se verifica, que me proponho reflectir: a produção poética de elementos de uma sociedade semiperiférica que vivem directamente o confronto com uma sociedade central, a produção poética dos emigrantes portugueses nos Estados Unidos.

Voltando ao extracto do poema que me serve de epígrafe a este texto, penso que, desde logo, notamos três aspectos fundamentais, que vão ser recorrentes em muita desta poesia: o orgulho no passado histórico; mais que a ironia, o sarcasmo perante uma situação de assimilação presente; e, finalmente, a afirmação da língua como resistência a essa situação e ao esquecimento do passado. Todos estes aspectos põem imediatamente em causa o conceito

de centralidade, que me parece o mais complexo e problemático quando se trata de abordar a questão cultural. De facto, é notório neste tipo de poesia (e sublinho que me ocupo apenas daquela que é produzida nos Estados Unidos) que a posição de superioridade do centro em relação à semiperiferia é aceite apenas em termos económicos e nunca em termos culturais. Há sempre como que uma oposição entre a glória do passado histórico que o povo português possui e a ausência de um passado numa história demasiado recente de um país jovem como os E.U.A., ausência que parece ser sarcasticamente suprida pela ostentação económica e o consumismo desenfreado. E não resisto a citar aqui, por inteiro, o poema de José Brites:

EM FRENTE DA CAIXA DOS FANTOCHES

Longas pernas industrialmente torneadas
pubescente saliência provocante
ameloadas montanhas luzidias saltitantes
ravina paisagística tentadora
a morrer no vale paradisíaco do soutien
de entremeio com o fascismo chileno
(descaramento...) com mortes a correrem nos rios
e cultura ardendo em fogueiras aos gritos
horrorizados de Allende Neruda Marx Lenine e Che
e o sabonete que lava as beldades
televisivamente belas de sexo à flor da pele
e o carro da melhor marca feito para você
a anteceder filas pedestres na sopa dos pobres africanos
seguindo-se a nova qualidade de salsichas
e a comida super-vitaminada prò cãozinho

servida com a notícia de fome devastadora na Índia
e os ataques judaicos no Egípto
mais o banco de todos que não o esquece
a oferecer 5% para emprestar a dez
e os comprimidos pra bronquites e incómodos intestinais
intervalados nos amores de Elizabeth Taylor
e uma filmagem sensação da miséria mexicana
onde furacão meteu mão a remexer tristezas
já ali tão “cozinhamericanadas”
e a advertência do show em breve no écran
cujo artista canta maravilhas caseiras
a transbordar “pátrio-dolarismo”
antes do slide duma metralhadora automática
a cortar um mortal irlandês ao meio
e as cintas que fazem as cinturas elegantes
e o último êxito das bilheteiras
cuja moral da história é do homem
que saiu de entre as pernas da mãe
com duas pistolas nas unhas
e o novo calmante pràs insónias
a antecipar-se ao governador que promete
tudo o que não tem nem pensa dar
mais a mobília de que você necessita
os pelados dando show na universidade tal
o polícia abatido a sangue frio
antes da revelação de outra bomba no caso Watergate
e de possíveis aumentos de gasolina e óleo

e o cavalo da inflação galgando impiedosamente
sobre os produtos de primeira necessidade
mais o assassínio de um presidente sindical
outro caso de drogas envolvendo alta finança
a corrupção da polícia novaiorquina
também o rapto desumano do senhor magnate
e não falta o convite a Copacabana
no país do milagre dolaresco
(sem itinerário aos bairros da fome venérea
e às prisões milagrescas evidentemente).

E um homem já não sabe se é
burro, pneu, ou peça televisada,
e vai-se enrolando nas enroladelas visuais
e se desperta sente que a sua caixa
é de massa amassada astronautizada
fruto desta "televisamericanada"... (3)

Num paralelismo grosseiro, diria que o poeta emigrante como que assume o papel de uma aristocracia decadente perante o novo-riquismo da burguesia arrivista, representada por este país que agora o recebe e a cujas leis terá que se sujeitar se pretende sobreviver. Mas os seus valores, a sua cultura continuam a ser "superiores", a ser "centrais". No fundo, é esta a atitude da maioria dos europeus perante os Estados Unidos. Mas, enquanto outras sociedades europeias se entendem também como centrais em termos económicos, o mesmo não acontece com Portugal, o que, de resto, é primeira justificação para a existência de emigrantes.

A questão que pretendo levantar é, basicamente, se a resistência da cultura portuguesa através da sua língua, se a recusa da assimilação, não tem que ver, precisamente, com o facto de sermos europeus? Com o facto de, não só em termos económicos, mas também em termos históricos - com um passado em que também fomos centro - não fazermos parte, neste momento, nem do centro, nem da periferia? E se, nesse sentido, não é a própria história, a própria cultura, que nos define também como uma sociedade semiperiférica?

Daí a necessidade de "em português chorar", para uma vez mais negar "a condição da bruma". É à língua, antes de mais nada, que cabe o papel da resistência. É ela que continua a afirmar a nossa autonomia, os nossos valores, a nossa história, a nossa cultura. Bruma ela própria (porque o português não é Portugal), será a língua que nos impedirá de ficarmos esquecidos na bruma da história, será ela - consciência da história - que nos impedirá de sermos totalmente assimilados pela cultura do centro. E penso que a poesia dos emigrantes é como que uma vanguarda neste processo. Mesmo em poemas como os de Reinaldo Matos:

SAUDAÇÃO AOS ESTADOS UNIDOS

América, bem hajas! Tenho a dita
De estar em teu regaço de ventura.
Deus te abençoe, América bendita,
País da Liberdade e da Fatura!

Deus te embale! - na paz e na alegria;
Nos dons da Sua graça e da saúde;
No pão (do corpo, e d' alma), dia-a-dia;
Num perene frescor de juventude.

Tu és um paraíso, mar a mar!
América, bem hajas! Tenho a dita
De estar... em teu regaço de ventura.

Por ti e em ti me alegro: sou feliz.
Deus te abençoe, América bendita,
País... da Liberdade e da Fartura! (4)

Não podemos falar aqui de qualquer distância crítica ou de consciência do valor da sua própria cultura. Mais fácil seria referir a retórica puritana de identificação da América com a Terra Prometida. E, contudo, eu falaria deste poema - decerto para grande aflição de quem o escreveu - como um poema de resistência. Não pelas reticências, para as quais, confesso, ainda não arranji explicação, mas pela razão simples de se encontrar escrito em português. Parecendo abraçar a nova cultura, ao expressar-se na sua língua de origem, o poeta vai, paradoxalmente, instituir a distância e impedir-se de dela fazer parte integrante.

Dentro deste tipo de poesia menos consciente linguisticamente, vamos encontrar uma outra forma de resistência. Utilizam-se formas líricas populares, tal como a quadra, e cria-se toda uma ambiência romântica de século passado, em que a paisagem portuguesa, os usos e as tradições, a religiosidade, a infância, a família, etc., são evocados com saudade, como se de um paraíso perdido se tratasse. Publicados em jornais portugueses ou lidos nas emissoras portuguesas, são talvez estes os poemas que mais contribuem para criar um sentimento de comunidade e eliminar o sentimento de desenraizamento. Disso nos dá conta a publicação de livros como Desafio Radiofónico de Arthur d'Ávila (5), Ouro no Pântano de Maria Fernanda Marques da Cunha (6) ou Do tempo e de mim de J. Teixeira de Medeiros (7), donde extraio, apenas como ilustração, as seguintes quadras:

Adeus tempo das vindimas,	Adeus sol que beija a serra,
Adeus ó uvas maduras,	Adeus noites de luar,
Adeus gracejos e rimas	Adeus viola da terra,
De bocas lindas e puras.	Que me ensinaste a cantar.

Adeus pequenos segredos	Adeus, adeus, miradouro,
Murmurados com amor,	Da Ponta da Madrugada.
As moças, entre os vinhedos,	Cai o sol, com pincéis d'ouro,
Pela tardinha, ao sol-pôr.	Na tua tela encantada.

Adeus barquinhos de velas	Adeus, velhinho Nordeste
A branquejar sobre o mar.	Dos meus anos tão distantes,
Branças velas vai com elas	Beleza linda e agreste
Minha saudade a chorar.	De colinas verdejantes.

Adeus vagas alterosas	Nordeste, meu velho amigo,
Do mar azul da Ribeira	Doce gotinha de mel.
Vénias de águas espumosas	Meu coração ´stá contigo
Rendilhando a costa inteira.	Na alma de São Miguel. (8)

A saudade é "leitmotiv" de toda esta poesia e é interessante verificar que este motivo vai gradualmente começando a funcionar também como instituição de diferença, de oposições, tornando alguma desta produção em algo de bastante mais complexo e problemático, não só do ponto de vista sociológico, mas também do ponto de vista estético. Repare-se, por exemplo, na diferença da poesia publicada por Luís de Miranda Correia:

quero levar comigo na partida
o sol a enxada a terra que lavrei
a casa branca que o meu suor plantou
a areia o mar azul em que pesquei.

quero no sonho do estar contigo
aqui em flashes de néon sem vida
o recordar o vinho a jorros nas tabernas
o respirar ar puro em campos sem medida.

quero-te aqui quero-me aí também
nas noites em que o sono era distante
e ouvia o doce cantar da minha mãe. (9)

Neste poema em que saudade e desejo se conjugam, evoca-se toda a atmosfera caracteristicamente portuguesa, mas, ao mesmo tempo, já é visível a oposição que se estabelece entre essa ambiência natural e pura (o sol, a enxada, a casa branca, o mar azul, etc.), que se deixou, e a artificialidade mecânica (flashes de néon sem vida) deste aqui, que se encontra.

Olhemos agora para dois poemas do seu segundo livro:

INDUSTRIALISMO SUMPTUÁRIO

o espaço engravidado a quarteirões de betão
vai parindo alfaias assimétricas
de muitas cores
menos azul-bebé...
...criança. (10)

HUMANALAMA

olhos a cunharem convulsões disformes.
cubiformes.
arregaços de peitos celulóides.
deixas-me entrar?
ou só como me dizes: é preciso ser. (11)

Não só se tornou mais acerba a consciência e a crítica de uma sociedade altamente mecanizada e desumanizada, como, ao mesmo tempo, parece ter evoluído a consciência da forma, a consciência da linguagem e do poema, agora muito mais curto, muito mais silente e, por isso mesmo, muito mais conciso e violento.

Portugal será o reduto de uma sociedade humana e natural, por oposição à sociedade americana, à agressividade de um meio com que o poeta se defronta todos os dias. A língua portuguesa é agora também o lugar de refúgio, o lugar em que o poeta pode lidar com a realidade de uma outra sociedade, de uma outra mundivisão, que não é a sua e que terá que ordenar segundo os seus próprios padrões culturais:

O sangue rouqueja
nos dentes
das máquinas de Fall River,
com a mesma gana
com que o sol beija
as colinas verdes
do meu país. (12)

A metáfora é aqui nitidamente o espaço de intersecção de dois contextos completamente diferentes. Para interpretar esta nova realidade (da máquina), o poeta tem que o fazer através da sua experiência numa realidade que se lhe apresenta oposta e que ele tão bem conhece (o espaço da natureza, o seu país). De facto, parece-me que aqui, mais do que em qualquer outra escrita, é a própria língua portuguesa que se tranforma em espaço de semiperiferia. É nela que se entrelaçam ideologias, valores, imagens de uma cultura que não é a do poeta, que o será, quanto muito, por empréstimo, tal como a língua que se verá obrigado a utilizar no dia-a-dia:

quando abalei

do meu país

um vulcão de terra

ficou furibundo

no meu borso

depois

sepultaram-me

com a cabeça de fora

num alguidar

de cimento

e aqui (não) estou (13)

Regressar ao seu país, à sua cultura, e neles habitar, é regressar e habitar na língua portuguesa. É - com os valores e imagens da sua cultura - lidar com a experiência de um mundo, de uma sociedade diferentes. É na língua que se assimilam (pela positiva ou pela negativa) os valores dessa outra sociedade dita central, os quais serão, depois, parte da semiperiferia. Escrever em português é então resistir, manter a autonomia, manter a independência. É o poeta que expurga o que não interessa, "importa" o que lhe serve. Desta dialéctica resulta o enriquecimento da língua portuguesa. É assim que, neste processo de semiperiferização, o poeta assume o papel da vanguarda: quando entrega a sua língua, o seu

poema, aos leitores de língua portuguesa, a Portugal espaço físico, é já a semiperiferia que ele entrega. Pelo menos a um primeiro nível, a relação centro/"periferia" já se concretizou. E a língua portuguesa é também já diferente. Mesmo resistindo, o português altera-se e, com ele, a nossa própria visão do mundo, das sociedades centrais e da nossa própria sociedade. A prová-lo de forma radical, poemas de carácter mais experimental como este de Vital Ferrão:

cavalos arfantes

esmoucinham

cantoria de ossos

emigrantes

gemem

de braços

como se o ciamento

os queira

emiossos

como se os beba

a poeira

emibraços

ossograntes (14)

Primeiro chão em que o confronto se estabelece, a poesia da emigração resiste assim à periferização. Ao contrário de "imigramar", conceito "descoberto" por José Brites num dos seus poemas ("Imigramar / é deixar-se / de ser algo / no pouco do seu chão / para se ser nada / e gramar de tudo / no chão dos outros.") (15), penso que o emigrante leva algo do pouco do seu chão que tudo lhe permitirá construir: negando a condição da bruma, habitando a pátria da língua (única presença, agora, do nosso Império no mundo) e aí se encontrando de forma mais estranha, mas também mais verdadeira, para acabar - também de forma semiperiférica - com as palavras de um poeta da América, país de emigrantes:

"And there I found myself more truly and more strange."

Wallace Stevens

NOTAS

(1) José Martins Garcia, Temporal, Providence: Gávea-Brown, 1986, p.31.

(2) Ao utilizar este conceito de centralidade, reporto-me - como se tornará evidente ao longo do texto - ao modelo teórico desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos e Carlos Fortuna, a partir de Immanuel Wallerstein, e que pretende definir a sociedade portuguesa como uma sociedade semiperiférica. Vd. Boaventura de Sousa Santos, "Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português", Análise Social, Vol. XXI (87/88/89), 1985, pp. 869-901; Carlos Fortuna, "Desenvolvimento e sociologia histórica: acerca da teoria e do sistema mundial capitalista e da semiperiferia", Sociologia, nº 3, 1987, pp. 163-195.

(3) José Brites, Poemas sem Poesia, edição de autor, 1975, pp. 123-125.

(4) Reinaldo Matos, Asa d'Águia, Lisboa: edição de autor, 1979, p. 36.

(5) Arthur V. Ávila, Desafio Radiofónico, Oakland: edição de autor, 1961.

(6) Maria Fernanda Marques da Cunha, Ouro no Pântano, Newark: edição de autora, 1979.

(7) João Teixeira de Medeiros, Do Tempo e de Mim, Providence: Gávea-Brown, 1982.

(8) *ibid*, pp. 86-87.

(9) Luís de Miranda Correia, Ao Correr da Mente, Taunton: Micor Publications, 1981, p.

95.

(10) Luís de Miranda Correia, Colagens, Taunton: Micor Publications, 1982, p. 24.

(11) *ibid*, p. 25.

(12) Vital Serrão, O Animal de Rodas Dentadas, edição de autor, 1978, p. 13.

(13) Vital Serrão, Morifundagem, edição de autor, 1978, p. 79.

(14) *ibid*, p. 39.

(15) José Brites, Imigramar Newark: Palo Publications, Inc., 1981, p. 24.